ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v. 11, n. especial, 2026. https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2175.
Número especial: Morrer e Amar na (re)criação do viver

ARTIGO / ARTICLE

A CASA DOS MORTOS

THE HOUSE OF THE DEADS

Elaine Pedreira Rabinovich[1]

[1]Psicóloga, mestrado, doutorado e pós-doutorado (USP). Professora adjunta do Programa de Pós-Graduação da Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador. Email: elaine.rabinovich@pro.ucsal.br.

Recebido: 01/05/2026 - **Revisado**: 11/05/2026 - **Aceito**: 01/07/2026 - **Publicado**: 30/09/2026

RESUMO: Este artigo objetivou a descrição autoetnográfica, fenomenológica interpretativa, da experiência da autora face a túmulos de diversos cemitérios na cidade de São Paulo, Brasil. A autora apresenta uma análise gerada por uma leitura introspectiva das sensações experienciadas ante os túmulos, subsidiando um enquadre teórico apoiado em vários autores que se dedicaram à temática da morte. A análise está subdividida nas seguintes tipologias: matéria; permanência, níveis; formas; e ornamentos. Finaliza com uma reflexão sobre a temporalidade, temática que ordenou sua exposição desde o seu início.

Palavras-chave: Cemitério. Túmulo. Morte. Temporalidade.

ABSTRACT: This article aimed at providing an autoethnographic, phenomenological, and interpretative description of the author's experience of encountering tombs in various cemeteries in the city of São Paulo, Brazil. The author presents an analysis generated by an introspective reading of the sensations experienced before the tombs, supporting a theoretical framework based on several authors who have dedicated themselves to the theme of death. The analysis is subdivided into the following typologies: matter; permanence; levels; forms; and ornaments. It concludes with a reflection on temporality, a theme that has guided its exposition from the very beginning.

Keywords: Cemetery. Tomb; Death. Temporality.

INTRODUÇÃO

"Nós que aqui estamos, por ti esperamos"

Inscrição sobre o portão de entrada do cemitério de Paraibuna, São Paulo

Passear no cemitério causa espécie em quem o faz, mas especialmente traz estranheza ao Outro. Suspeitas de necrofilia ou perversões afins assomam aos espíritos, acompanhadas de calafrios e olhares enviesados. Contudo, o cientista de campo, imbuído de seu mister, rapidamente adquire uma visão

Este trabalho está licenciado sob uma Licença Internacional Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International

diametralmente oposta de tal empreendimento. Os cemitérios são espaços urbanos privilegiados: pouca poluição, atmosférica e sonora, muito verde e passarinho, vias de circulação desimpedidas, sem buracos e limpas. A primeira constatação, portanto, é que o mundo das casas dos mortos, assim com o mundo da casa de Deus, os templos, encontra-se imersos em outra dinâmica, principalmente temporal, com relação à ordem do mundo profano. Não há pressa, o tempo é o do eterno. Em certo sentido, a sociedade de consumo encontra-se fora dos portões dos cemitérios, pois a vida já foi consumida e consumada.

APORTES TEÓRICOS

Os túmulos são mediadores de uma relação real e de uma situação vivida, trazendo impressos em sua substância e em sua forma a dinâmica, consciente ou inconsciente, desta relação (parafraseando Baudrillard, 1989, p. 206). Não há apenas a temporalidade objetiva produzida pelo pensamento, mas também uma temporalidade subjetiva, obtida pela experiência; assim, “nossa experiência vivida da temporalidade dos objetos se opõe ao pensamento para o qual o tempo é uma realidade unidimensional” (Leygonie, 2000, p. 41). Os túmulos representam a morte de um modo não arbitrário, estando ligados ao gesto humano de enterrar, gesto coletivo e individual, vivo por sua relação de interioridade. Segundo Baudrillard (1989), tal objeto não é consumido e deve ser por causa disso a impressão de "fora do tempo da sociedade de consumo".

Por outro lado, o mundo dos objetos, de um modo geral, pode ser pensado como a solução dada pela humanidade à angústia de morte e à ameaça de aniquilamento, tanto interior quanto exterior (Ariès, 2003). Aquilo que falta ao homem encontra-se investido no objeto de modo que o objeto reflete não a imagem real, mas o desejo, isto é, a imagem desejada do homem. Para Baudrillard (1989), o que o homem encontra nos objetos não é a garantia de sobreviver, mas a de viver a partir de uma forma cíclica e controlada o processo de sua existência e de ultrapassar, assim, simbolicamente, esta existência real cujo acontecimento irreversível lhe escapa. O objeto seria, pois, aquilo pelo que estamos enlutados. Ele está no lugar do que falta e ele representa a falta. No túmulo, tal falta está totalmente explicitada, pois ele contém, em certo sentido, a

Cadernos Macambira - ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v.11, n. especial, p. e011052183, 2026.
https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2183 - Número especial: Morrer e Amar na (re)criação do viver

própria noção da falta, com uma referência também explícita há outros tempos além do presente.

Há uma classe de objetos denominada por Baudrillard de mitológicos que se opõem aos objetos funcionais: enquanto estes são ricos de funcionalidade e pobres de significação, referindo-se à atualidade e esgotando-se na cotidianidade, o objeto mitológico tem funcionalidade mínima e significação máxima, referindo-se à ancestralidade ou à anterioridade da natureza. A este respeito, Gruet (2000) aponta que a vitória sobre o tempo e o espaço pela qual se afirma a técnica moderna, acaba por excluir todo traço do movimento e da poesia relacionada ao tempo, onde, "pela e-moção que ela (a obra) suscita, exprime o seu sentido. Sua intemporalidade se torna sensivelmente abstrata: é este silêncio vazio que não fala nem canta mais para ninguém" (p. 08). Complementa, o autor que, com o fim dos mitos e dos relatos, o mundo se torna desencantado.

Os túmulos são objetos mitológicos principalmente pelo fato de preencherem a carência - aquilo que lá não está, a ausência, o ausente - de modo regressivo, referindo-se ao mito da origem, quer familiar quer da humanidade. Ao nos defrontamos com um túmulo, temos nós, vivos de um lado, do outro lado do túmulo, o morto. O túmulo é terra, casa, igreja: é útero, mais do que materno, útero da natureza. O túmulo é aquilo pelo qual estamos enlutados: soluciona o evento da ausência e da morte real, assegurando a continuidade da vida. Representa nossa própria morte, mas superada simbolicamente pelo fato de que, ao introjetá-lo por meio de um trabalho de luto, solucionamos a angústia da ausência e da morte real. Ele é o objeto pelo qual estamos enlutados.

De todos os espaços humanos existentes, os cemitérios são os mais simbólicos, os menos funcionais, os mais carregados de mitologia. Não por acaso, o início da hominização se acha associada ao culto dos mortos: a morte como fenômeno do duplo desvenda o início da consciência e da vida imaginária e simbólica (Morin, 1979).

OBJETIVOS

A partir deste arrazoado teórico, interessamo-nos pelo estudo dos túmulos como uma complementação ao estudo da moradia, objeto de nossa tese de

Cadernos Macambira - ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v.11, n. especial, p. e011052183, 2026.
https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2183 - Número especial: Morrer e Amar na (re)criação do viver

doutoramento (Rabinovich, 1996). Nesta tese, desdobramos a moradia em eixos, opondo os seus termos, no modo de uma “experimentação ecológica naturalística”, qual seja: estudamos moradias urbanas e, de outro lado, moradias rurais, opondo o modo de vida urbano ao rural, considerando, assim, o espaço onde a vida ocorria. Em outro eixo, tomamos como objeto de estudo moradores de rua, denominados “semcasa” e, de outro lado, os túmulos, denominados “casa dos mortos”; portanto, em um havia vida sem casa e noutro, casa sem vida.

No estudo da "casa dos sem casa" (Rabinovich, 1992), levantamos a hipótese de que o tempo podia ser analisado a partir de arranjos espaciais e que, além disso, o modo como o tempo era vivido era um dos elementos a determinar o arranjo espacial das casas. Esta hipótese de temporalidade emergiu de que os “semcasa” não tinham nem paredes nem objetos fixos, sendo a temporalidade a determinar as ações. De modo não tão intenso, no estudo das moradias rurais realizado no interior do Piauí, a ausência de móveis também fazia com o tipo de ocupação decorresse do tempo; por exemplo, uma rede poderia ser usada como um “sofá”, num momento, e como “cama”, em outro.

A questão da temporalidade presentificou-se como algo que preside a organização do espaço, que dá o sentido do uso do espaço. Em conseqüência, pareceu-nos que a representação do tempo dentro do contexto/eixo vida-morte poderia ser mais bem descrita e compreendida a partir das "casas dos mortos', cuja descrição fenomenológica configura-se como o principal objetivo do presente artigo.

O que caracteriza a "casa dos sem casa" é a sua instabilidade e provisoriedade, enquanto os túmulos, as casas dos mortos, se caracterizam por sua estabilidade e permanência. Deste modo, fomos a campo procurando discriminar os principais pontos de igualdade e divergência entre as casas de despossuídos e as dos desaparecidos. No presente estudo, vamos apresentar apenas o estudo da casa dos mortos, qual seja a descrição de túmulos em diversos cemitérios da cidade de São Paulo, por meio de uma abordagem autoetnográfica (Rabinovich; Silva, 2025) em que a análise utiliza a experiência do pesquisador no campo para acessar o fenômeno em pauta.

Assim, o objetivo principal desse estudo é apresentar a descrição fenomenológica da autora ante diversos túmulos localizado em vários cemitérios

Cadernos Macambira - ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v.11, n. especial, p. e011052183, 2026.
https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2183 - Número especial: Morrer e Amar na (re)criação do viver

localizados na cidade de São Paulo, tendo como seus objetivos secundários, a descrição da experiência suscitada pela presença dos túmulos por meio das seguintes categorias de análise: matéria; permanência; níveis; formas; e ornamentos.

RESULTADOS E ANÁLISE

Durante anos, e onde estive viajando, tenho visitado e tirado fotografias de cemitérios. Contudo, neste estudo, apresentaremos as reflexões a partir dos seguintes cemitérios, todos localizados na cidade de São Paulo: Cemitério da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Catedral de São Paulo, Cemitério do Redentor, Cemitério do Araçá, Cemitério Protestante Consolação, Cemitério da Ordem Terceiro do Carmo, Cemitério Israelita do Butantã e Cemitério Israelita de Vila Mariana. No entanto, o fato de eu ter visitado tantos cemitérios e em tantos lugares do mundo, deve influenciar a análise a seguir.

A matéria

Os túmulos observados podem ser descritos quanto à matéria de que eram feitos, nas seguintes categorias: solo gramado; pedra bruta; mármore; construções em tijolo recoberto de cimento.

Há cemitérios que são como parques ou jardins. Neles, só há gramados onde estão dispostas pequenas placas com o nome do falecido/a. Nos cemitérios visitados, pudemos observar túmulos em que a lápide é um pequeno gramado, com ou sem outras plantas de ornamentação, encontrados em cemitérios protestantes. Esses mesmos cemitérios pertencem a uma organização que administra dois outros cemitérios do tipo "parque ajardinado", onde a morte é praticamente anônima.

As observações acima visam dar conta, iniciando uma tentativa de análise, a este tipo de representação, senão da morte, pelo menos no modo de deixar enterrado o morto. Conforme Gruet (2000, p. 220), “cada procedimento de construção implica ele próprio uma matéria e uma forma que exprimem a cada vez uma temporalidade diferente”. É a temporalidade que se inscreve na matéria e nas formas que lhe confere seu sentido e sua poesia própria. No presente caso, é uma temporalidade ligada a terra, na qual jaz o falecido/a e

Cadernos Macambira - ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v.11, n. especial, p. e011052183, 2026.
https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2183 - Número especial: Morrer e Amar na (re)criação do viver

sobre a qual ela também aparece. Fenomenologicamente, a morte aparece como um retorno a terra, à natureza, de um modo total e não diferenciado, pois o que se contempla é a própria natureza. Um desses túmulos que resume os demais foi um túmulo gramado onde crescia uma única rosa.

Similarmente, os túmulos com pedras brutas encontram-se também exclusivamente nos cemitérios protestantes. As pedras são como as encontradas na natureza, de tamanhos diversos, mas não muito grandes. Elas também parecem estar representando a natureza, porém dentro de um contexto de imanência ou de permanência, pois a pedra tem sido usada desde tempos imemoriais para representar o sagrado. Deste modo, a morte, nestes túmulos, aparece como um retorno à natureza, à origem, mas com uma transformação pelo sagrado. Um túmulo tinha um pequeno gramado cobrindo a sua parte dianteira e, ao fundo, uma pedra de cerca de 1,20 m de altura por 70 cm de largura, maior do que as pedras usualmente dispostas, de onde saía uma cruz esculpida em processo de gestação, isto é, parte da cruz já estava esculpida enquanto parte continuava amalgamada com a pedra que lhe dava origem. Creio que esta escultura representa o estado de transformação de uma morte percebida como um retorno absoluto à mãe natureza e a emergência de uma noção de morte e de homem que já tem o "Cristo" dentro de si. Ou seja, já aponta para a diferença entre a natureza ser sagrada e o homem ser sagrado.

Em seguida, podemos apresentar os túmulos em mármore. O mármore pertence ao mundo das pedras, mas já está muito distanciado delas pela transformação do trabalho humano. Como aponta Gruet (2000), tanto o mármore quanto as outras pedras, depois de serem formadas no curso da história geológica, “dormindo durante milênios na terra” (p. 220), recebem o trabalho de sua extração, de sua formatação e de sua edificação propriamente dita. Um túmulo de mármore é um túmulo fabricado, mesmo que apenas lapidado e polido. Fenomenologicamente, a morte por eles representada parece mais profana, isto é, o sagrado nelas representado parece ritualizado através de operações intermediadas, instituídas, fabricadas. O mármore fornece uma idéia de permanência, de durabilidade – “O mármore, ele está seguro de sua duração” (Gruet, 2000, p. 223) -, maior do que as pedras porque estas têm formatos irregulares dando a noção de erosão causada pelo tempo, enquanto o mármore parece ser imutável. Esse dado, ao lado de ser o mármore um material nobre,

Cadernos Macambira - ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v.11, n. especial, p. e011052183, 2026.
https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2183 - Número especial: Morrer e Amar na (re)criação do viver

confere a esses túmulos certo status principalmente no que se refere à continuidade da idéia dos mortos cá na Terra, ou seja, certo desejo de imortalidade pela permanência no mundo. Enquanto no primeiro tipo citado, há uma renovação permanente da grama, e, no segundo, a grama se renova ao lado da pedra que tanto é eterna quanto indica a passagem do tempo, neste terceiro tipo, aparece o tempo congelado na matéria que permanece.

O último tipo predomina nos cemitérios católicos visitados que servem, em sua maior parte, à alta burguesia paulistana. Nestes cemitérios, observam-se principalmente construções - casas, capelas, igrejas, jazidos familiares ou de ordens religiosas - de modo que a morte parece bem próxima à vida: o túmulo espelha os valores e o "valor" do falecido, quer em sua religiosidade, status econômico, valor familiar etc. Estes túmulos estão geralmente ornamentados e serão objeto de análise posterior.

Portanto, do ponto de vista da matéria de que é feito o túmulo, pode-se classificar quatro tipos a que corresponderiam quatro níveis de materialidade: desde uma ausência de materialidade na morte (cuja representação mais radical seriam as cinzas lançadas ao vento ou sobre o mar) até uma base material muito próxima à base material do indivíduo vivo, onde valores profanos são transferidos para uma representação algo fetichizada da morte.

A permanência

Comparativamente às "casas dos sem casa", em que aspectos estruturais, imóveis - paredes, tetos - se tornavam móveis, aqui ocorre o oposto: são os aspectos móveis - dinâmicos - que se tornam imóveis. Sem entrar na questão da transformação que o cadáver sofre após a morte, a morte transforma a vida em um sistema fechado, não intercambiável. Vai-se aos cemitérios para se encontrar com a lembrança do falecido/a. Deste modo, a morte imortaliza o morto na lembrança daqueles que se lembram do morto. Essa imortalização está representada pela imobilidade do túmulo que assim deve permanecer enquanto dure. Tanto que, similarmente, o suporte material busca a permanência - mesmo a grama se renova permanentemente, e, sendo diferente, é sempre a mesma, vide Parmênides - quanto os símbolos encontrados nos túmulos remetem a situações míticas, além do tempo do próprio enterrado. Nas "casas dos sem casas", temos pessoas vivas desterradas, o que ocasiona falta de raízes

identificatórias e, nos túmulos, temos apenas raízes identificatórias. Esta formulação sugere que a terra cronifica, transformando de alguma maneira a morte em algo que se possui: endereço certo, identificação, identidade religiosa, familiar e cronológica. A posse da terra nos identifica no mundo, não como propriedade econômica, mas como assentamento, posse pelo uso, demarcação de território. Entre a instabilidade e mutabilidade dos moradores nas ruas e a estabilidade e permanência dos moradores dos túmulos, o que é certo é que eles se contrapõem. Bastide (1979) relata que para os antigos egípcios, sua verdadeira residência era seu túmulo e, por isso, havia ausência de arte nas habitações privadas, pois estas eram provisórias. Esta visão subverte a noção de moradia, mas enfatiza como a permanência leva à construção e à ornamentação. Deste modo, a casa dos mortos tem uma relação com a casa dos sem casa semelhante à dos faraós antigos: enquanto em um caso, é a morte que se enche de vida, no outro, é a vida que está cheia de morte.

Para finalizar estas primeiras impressões sobre a questão comparativa do tempo nestas manifestações humanas, queremos acrescentar que há dois aspectos "móveis" nos túmulos: flores e velas, que parecem refletir a passagem do tempo mundano embora com uma referência sagrada ligada à chama da vida (Chevalier; Gheerbrandt, 1991), ao efêmero transmutado em essência ou equivalente.

Os níveis

Pode-se observar estarem os túmulos em vários níveis em relação ao solo: abaixo do nível, no nível do solo, ao nível do olho, acima do nível do olho.

Os túmulos abertos para baixo lembram catacumbas. São quartos ou capelas mortuárias, cujo acesso é dado por uma pequena escada descendente. Deste modo que, ao se entrar em um destes túmulos, o que não é usual, penetra-se na morte, submerge-se nas entranhas da natureza. A morte aí representada pertence ao reino das sombras, à escuridão, ao inconsciente. Tais túmulos são construídos, encontrados apenas em cemitérios católicos, em jazidos de família. Foi-me relatado haver um desses túmulos, no Cemitério do Araçá, pertencente a uma rica família de imigrantes italianos, consistindo em um verdadeiro quarto, imenso, onde os restos mortais estão dispostos como que em leitos, repetindo o padrão observado por arqueólogos no sepultamento do homem de Neandertal,

Cadernos Macambira - ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v.11, n. especial, p. e011052183, 2026.
https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2183 - Número especial: Morrer e Amar na (re)criação do viver

há cerca de 40.000 anos atrás. Para Morin (1979, p. 103), a presença do sepultamento indica um pensamento que não está totalmente investido no presente, o que significa a presença do tempo no seio da consciência. Indica, também, a irrupção do imaginário na percepção do real e do mito na visão do mundo. Diz Morin:

> Do mesmo tempo em que a sepultura nos assinala a presença e a força do mito, os funerais, na realidade, são ritos que contribuem para operar a passagem para outra vida de modo conveniente, isto é, protegendo os vivos da irritação do morto (de onde, talvez, o culto dos mortos) e da decomposição da morte (de onde, talvez, o luto que isola os parentes do defunto). Assim, é todo um aparelho mitológico-mágico que emerge no sapiens e se encontra mobilizado para enfrentar a morte (Morin,1979, p. 103).

Tal aparelho aparece representado nestes túmulos em que o vivo penetra no mundo dos mortos, e dele sai, retornando à luz. Deste modo, o mito do renascimento é representado no gesto de galgar as escadas para sair do túmulo, em uma comunhão-separação vivo-morto. Analogamente à entrada e saída de uma caverna, onde está deitado em posição fetal o defunto, cercado de pedras e flores, o mito se repete através de reminiscências insuspeitas.

O segundo nível, o do solo, predomina nos cemitérios protestantes e judaicos, onde inexistem os demais tipos. Há dois tipos: apenas uma lápide horizontal ou uma lápide vertical e uma horizontal e uma vertical. A lápide põe literalmente uma pedra em cima do morto, significando um fim, uma separação definitiva, um encerramento. Significa, pois, algo que se pranteia, mas que definitivamente não pertence ao nosso mundo. Quando há apenas a horizontalidade, seja gramado ou mármore, há uma separação total entre os planos vivo-morto, enquanto a verticalidade trás, em certo sentido, o morto para o plano do vivo, isto é, a verticalização traz uma dimensão atual à morte, referenciando-a aos vivos. Leygonie (2000), no entanto, aborda a horizontalidade como um “sempre-lá”, como uma ancoragem no solo, algo que não pode se mover. Para ele, trata-se de uma temporalidade humana, mas cuja origem não é datável, “não existe antes de sua presença” (p. 47).

Há sepulturas que crescem do nível do solo, formando caixotes, com ou sem aberturas para o interior. Aproximam-se da forma de uma casa, conservando geralmente restos de familiares. Esta representação aproxima o morto do vivo que, de alguma forma, tornam-se equivalentes. Os túmulos conservam os

Cadernos Macambira - ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v.11, n. especial, p. e011052183, 2026.
https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2183 - Número especial: Morrer e Amar na (re)criação do viver

restos mortais, mais do que os enterram. Os mortos passaram, a morte é a passagem, mas não há diferenciação de planos como nos tipos anteriores. O nível do olho equivale ao nível do real, do que é no presente, do que está: a morte está entre os vivos.

Finalmente, os túmulos que se elevam: as capelas, as igrejas, as pirâmides. Há túmulos que se elevam e que entram nas entranhas concomitantemente: são os maiores, os mais ricos e suntuosos, talvez por compreenderem todas as dimensões do ser humano. São raros devido a isso. Em sua maioria, predominam as capelas, menores ou maiores, em cemitérios católicos. Tais capelas são casas com pequenos altares onde se cultua a religião e a família. Entra-se nestas capelas através de portas que ou são grades ou feitas de material transparente, de modo que seu interior é geralmente visível do exterior. A representação é a da casa, como corpo-abrigo, lugar do si próprio. A morte aí está muito próxima à vida, espelhando-a, como o outro lado do espelho, como o duplo. Confortante e confortável. Há uma identidade na diferença: habita-se o corpo da morte, mantendo-se a identidade de vivo. Este corpo é o corpo materno, da família ou da mater-igreja, quando as capelas se transformam em santuários.

Há uma relação entre este nível e a dimensão do túmulo. Os níveis mais altos são ocupados por construções suntuosas, demonstrando o poder dos mortos no mundo dos vivos, isto é, que aqueles mortos já foram poderosos e que os remanescentes familiares se irmanam na grandeza da morte, melhor dito, na morte. A elevação do olhar, pretensamente dirigida aos poderes superiores, parece apenas confirmar o poder terreno. Há alguns túmulos, contudo, cuja elevação do olhar coincide com o voo de um anjo, em uma inspiração de outras esferas, de outras vozes.

A análise dos níveis, talvez em função do olhar e do movimento corporal que o acompanha, trouxe a questão do objeto como o depositário da imagem desejada: de um anonimato de cinzas espalhadas ou de gramados verdejantes a pirâmides faraônicas, estão representações de imagens projetadas, desejadas, construídas. Pode-se pensar que a atração atual pelos crematórios, além de questões econômicas, deve-se ao contexto serial e anônimo em que vivemos, de modo que mesmo na morte tornar-se um elemento de uma série equivale ao mito da ressurreição egípcia, embora em sentido oposto. A noção do destino do

Cadernos Macambira - ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v.11, n. especial, p. e011052183, 2026.
https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2183 - Número especial: Morrer e Amar na (re)criação do viver

corpo, incluindo o destino do ser, parece poder ser lida a partir dos níveis e das formas dos túmulos.

As formas

Começamos este item citando Gruet (2000, p. 8) quando este menciona que o ritmo é a *alma da forma*, donde está se anima e nos parece ser dotada de vida.

As formas podem ser classificadas em orgânicas, retangulares e casas. As formas orgânicas são associadas à natureza, representando talvez a naturalidade da morte, a morte como um estágio da vida. As formas retangulares são as predominantes, indicando a ação do Homem sobre a natureza dado que tais formas inexistem na mesma. Dentre elas, ressaltam-se os túmulos tríplices: dois patamares um pouco mais baixos do que um terceiro localizado entre eles. Essa forma sugeriu alguma elaboração em torno do número três, da Santíssima Trindade, ao poder gerador do três como união do céu e da terra (Chevalier; Gheerbrandt, 1991).

As casas representam o valor feminino, uterino, maternal, um vaso de interioridade de onde se pode entrar e sair. Todos os túmulos têm esta função de continência, mas as casas representam o corpo com suas entradas e saídas, com suas aberturas e níveis.

Conforme foi dito, formas e níveis refletem as imagens desejadas da morte enquanto extensões corporais, mas, acreditamos, o elemento que representa a imagem desejada da própria morte é o ornamento.

Os ornamentos

Os ornamentos podem ser classificados nos seguintes tipos: sem ornamentos; ornamentos naturais; inscrições; imagens; objetos. Podem ser vistos também por seu conteúdo, disposição, material, foram, etc. Os ornamentos teriam de ser estudados separadamente devido à sua diversidade e especificidade.

Gostaríamos, neste artigo, de apenas descrever um túmulo. Trata-se de um jazido familiar localizado no Cemitério do Araçá. De nível médio, formado por três partes, em forma de casa, de mármore preto. Lateralmente, dando para a

aléia principal, está uma figura feminina em mármore branco deitada, em tamanho natural, como que dormindo, com a mão esquerda no coração. Sobre ela, está a inscrição: "A serenidade da morte". Sob ela, em outro nível, há um vaso com plantas plantadas. Na frente, dando para uma estreita passagem, pode-se ver a construção em forma de casa, formando um telhado com um portão de ferro pelo qual se pode espreitar o que está dentro. A altura da construção é a do olho. O portão de ferro forma a seguinte cena: dois anjos, formas femininas aladas, circundam uma pira, isto é, um vaso, de onde sai uma chama em direção ao alto. No centro do vaso, há uma caveira com dois ossos se cruzando atrás dela.

Este exemplo está sendo dado pela sua beleza e riqueza simbólica e para ilustrar a questão metodológica: tanto ele pode ser visto como parte de uma série quanto visto como único, o que realmente é. Neste túmulo, o vaso é usado como continente da vida, que se esvai, protegida pelos anjos. A morte, como a caveira dos piratas, é uma referência positivista, concreta, factual. A forma de casa reforça o aspecto continente de corpo, vaso, útero. Em oposição e complementarmente, a imagem da morte como um sono sereno e da morte como uma mulher que dorme, também podendo ser observada pelo contraste entre o mármore branco e o mármore preto. Qual a noção de tempo? O de quem dorme? Eternamente? E ternamente? Este túmulo ilustra a imagem desejada na medida em que procura acalmar, negar aquilo que ele denota, ao mesmo tempo em que indica a ambivalência básica, isto que estaria na origem de todos os objetos, especialmente os mitológicos: estar no lugar de algo que ao mesmo tempo não pode ser dito dado que a função do objeto é negar o que ele denuncia: a falta.

Nesse túmulo, a ambivalência pode ser observada nos suportes materiais, mármore preto e branco como a morte e o sono, como a caveira e o anjo, como o tempo do sono e o tempo da chama que se esvai esvaziando o vaso. A função do objeto através de seu ornamento seria o-cultar a imagem "real", refletindo a imagem desejada, realizando assim o trabalho de luto, mas impedindo-o ao mesmo tempo. No fundo e dentro do túmulo está realmente a morte, do morto e nossa. Como bem está escrito no cemitério de Paraibuna: *Nós que aqui estamos por ti esperamos*.

AO MODO DE UMA CONCLUSÃO ...

Cadernos Macambira - ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v.11, n. especial, p. e011052183, 2026.
https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2183 - Número especial: Morrer e Amar na (re)criação do viver

A noção de morte influencia a percepção do tempo, a realidade mais ampla e o contexto de vida, a temporalidade. O tempo abstrato, segundo a expressão de um jovem infrator, é a abstração da vida.

> E quem poderá explicar o enigma da morte
> Se é tão difícil entender a vida?
> Quem?
> Regressei em meu passado, fui fundo,
> Bem adentro de mim.
>
> Lá, vi que perdi todos que amei,
> Ou simplesmente perdi-me deles no abstrato do tempo,
> Ou nas estradas ilícitas do destino. (NEVES, 2006, p. 93)

O tempo abstrato é uma maneira extremamente sofisticada de colocar o significado da ausência de significação. A temporalidade é a fonte das significações e o tempo concreto, a fonte de suas expressões. Assim, o tempo abstrato é o vazio existencial.

Um tempo abstrato obscurece, não apenas o futuro, pois nada existe, como também a possibilidade de recuperar o bom do passado: *perdi-me de todos que amei (e que me amaram) no abstrato do tempo*! Não é a perda apenas que leva à desilusão, mas o tempo tornado abstrato. E, conforme aponta Gruet (2000), é esta a temporalidade que estamos vivendo e valorizando na denominada pós-modernidade.

Passeando pelos cemitérios, em Montreal, Canadá, deparei-me com pessoas lanchando sobre as lápides dos túmulos. É verdade que, como apontei logo no início, as áreas ocupadas por cemitérios são privilegiadas ecologicamente, e o que impede o seu uso mais amplo é o medo da morte, além de medidas de segurança para impedir roubos, pichações, trabalhos de macumba etc. Mas usar o cemitério como lugar profano, além de profanar o sagrado, é torná-lo algo contido em uma cotidianidade que absorve tudo o mais.

Cadernos Macambira - ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v.11, n. especial, p. e011052183, 2026.
https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2183 - Número especial: Morrer e Amar na (re)criação do viver

Em uma direção semelhante, Santos (2026), em seu estudo sobre cemitérios, igualmente na cidade de São Paulo, sugere que, “além das soluções racionalistas e tecnocráticas, adotar uma abordagem sensível que promova ambientes mais acolhedores aos enlutados” (p. 27).

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente**. Lisboa : Ediouro, 2003.

BASTIDE, Roger. **Arte e sociedade**. 3ª ed. São Paulo: Nacional, 1979.

BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. São Paulo: Perspectivas, 1989.

CHEVALIER, Jean, GHEERBRANDT, Alain. **Dicionário de símbolos**. 4a. Ed. Trad. Vera da Costa e Silva [et al.]. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991. (original 1982).

GRUET, Stéphane. Le sens de l´oeuvre. **Poiesis**, n. 11, p. 7-10, 2000.

GRUET, Stéphane. Traces du temps. **Poiesis**, n. 11, p. 219-228, 2000.

LEYGONIE, Antoine. Temporalité subjective et architecture. **Poiesis**, n. 11, p. 41-62, 2000.

MORIN, Edgar. **O enigma do homem**: para uma nova antropologia. 2. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

NEVES, Carlos Alberto C. **Um Novo Horizonte**. Salvador: [s.n.]. (Obra não publicada). 2006

RABINOVICH, Elaine Pedreira. A casa dos semcasa. **Psicologia, Ciência e Profissão**, v. 12, n. 3/4, p. 16-25, 1992.

RABINOVICH, Elaine Pedreira. **Vitrinespelhos transicionais da identidade**: um estudo de moradias e do ornamental em espaços sociais liminares brasileiros [tese]. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 1996.

RABINOVICH, Elaine Pedreira; SILVA, Diana Léia Alencar da. (orgs.). **Teoria e prática da autoetnografia à deriva**. Curitiba: CRV, 2025. DOI: https://www.doi.org/10.24824/978652518105.9.

SANTOS, Aline Silva. Pandemia, memória e jardim: reflexões a partir de um cemitério e crematório paulistano. **Revista M**., v. 11, n.21, el4046, jan/jun.2026. DOI: https://www.doi.org/10.9789/2525-3050.v11n21.e14046.